



# ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022



# ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA  
(ORGANIZADOR)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Pedro Henrique Máximo Pereira

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: divergências e convergências de perspectivas / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0117-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.179222704>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Há uma concordância fundamental entre arquitetos e urbanistas: não há, em qualquer exercício de síntese - de projeto ou planejamento -, a anistia da dúvida, da incerteza, da divergência, do conflito ou mesmo de antagonismos. Isso porque a arquitetura e o urbanismo - embora gozem de boa parte de suas constituições das ciências exatas - possuem componentes materiais, econômicos, sociais, estéticos, filosóficos e psicológicos difíceis de serem conciliados ou que encontremos para eles uma convergência unânime. A síntese, a sina do exercício de projeto e planejamento, tende a encobrir ou ao menos momentaneamente ofuscar as divergências. Tende, pois tais divergências permanecerão, mais evidentes, latentes ou como estão, até que sejam revisitadas e trazidas à tona.

Qualquer solução arquitetônica ou urbanística apresentada a um problema de projeto será apenas uma dentre diversas soluções possíveis. Mesmo que as variáveis projetuais trazidas por dados objetivos e instrumentos de alta precisão nos indiquem um caminho a ser seguido, seu curso passará sempre pela interpretação do problema anunciado. Ou seja, tudo que vemos pelas janelas dos apartamentos ou caminhando pelas ruas das cidades poderia ser diferente, de outro modo. Há, na ótica da criatividade humana centrada no exercício do projeto e do planejamento, outras infundáveis realidades possíveis.

A crítica, elemento fundamental e imprescindível do fazer arquitetônico e urbanístico, é o recurso que temos para medir o real pelo ideal. A crítica estabelece as regras do jogo a ser jogado e nos dá os parâmetros concretos e imaginados. Ela leva luz às divergências outrora encobertas. Ela revela o que foi por ora deixado de lado. Ela produz uma dialética que nos permite reconhecer as divergências do nosso campo e conceber, ainda que circunstancialmente ou diante de temas sensíveis e ilustrados, como a dignidade humana e o respeito ao meio ambiente, convergências de perspectivas. A crítica nos coloca como responsáveis pela história até então produzida e nos dá a autoria do porvir.

**Arquitetura e urbanismo: Divergências e convergências de perspectivas**, produzido pela Atena Editora, traz estes temas para o debate em 18 capítulos. Este volume constitui, assim, uma contribuição importante para o reconhecimento de que nosso campo é múltiplo, diverso e que não há unanimidades. É um campo, assim como qualquer campo profissional e coletivo, em plena disputa.

Mas, por outro lado, institui ou indica certas convergências: a necessidade de salvaguardar nosso Patrimônio Cultural; a introdução acelerada de instrumentos e técnicas digitais ao processo de projeto; a cidade e o território como fenômenos culturais e coletivos; o imperativo da conciliação entre ambiente construído e ambiente natural; e, por fim, que a arte, em sua multiplicidade de manifestações, seja pública e aberta. Além do



reconhecimento destas convergências, este livro problematiza o porquê de tais fenômenos e as possibilidades de com eles lidar.

Estimo, assim, excelente leitura a todas e todos!


Pedro Henrique Máximo Pereira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

LA FORMA DE LA CIUDAD ES SIEMPRE LA FORMA DE UN TIEMPO DE LA CIUDAD

Lúisa Valente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227041>


### **CAPÍTULO 2..... 18**

DESDE LA REDISTRIBUCIÓN DE LOS CUIDADOS HACIA LA DESMILITARIZACIÓN URBANA EL ALGORITMO GENERATIVO DE LA VIGILANCIA NATURAL PASIVA

Patricia Costa Pellizzaro

Neridiane Garcia da Silva


Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227042>

### **CAPÍTULO 3..... 41**

DIREITO À CIDADE POR MEIO DA ARTE: OBSERVAÇÃO E PERSPECTIVAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NA ARQUITETURA DE SALVADOR

Alyne Cosenza Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227043>

### **CAPÍTULO 4..... 51**

APROPRIAÇÃO DE PARQUES URBANOS: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO E GESTÃO

Neridiane Garcia da Silva

Patricia Costa Pellizzaro

Cláudia Maté

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227044>

### **CAPÍTULO 5..... 67**

CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA COMO INSTRUMENTOS DIACRÓNICOS DE ANÁLISE DO TECIDO URBANO — ÉVORA E SETÚBAL, PORTUGAL

Maria do Céu Simões Tereno

Manuela Maria Justino Tomé


Maria Filomena Mourato Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227045>

### **CAPÍTULO 6..... 79**

DESIGN E CENÁRIOS PROSPECTIVOS APLICADOS AO URBANISMO TÁTICO: O FUTURO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS

Lorena Gomes Torres de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227046>

### **CAPÍTULO 7..... 95**

INVENTÁRIO BOTÂNICO-PAISAGÍSTICO DO SÍTIO ROBERTO BURLE MARX: O

## ESTADO ATUAL

Diego Rodriguez Crescencio

Marlon da Costa Souza

Leticia Dias Lavor

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227047>

## **CAPÍTULO 8..... 108**

ARQUITETURA ESCOLAR E BIOCLIMATOLOGIA: OS IMPACTOS DA PADRONIZAÇÃO NO CONFORTO TÉRMICO DE ESCOLAS BRASILEIRAS

Paula Scherer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227048>


## **CAPÍTULO 9..... 120**

ASPETOS BIOCLIMÁTICOS DA ARQUITETURA DA POPULAR PORTUGUESA

Jorge M. dos Remédios Dias Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

Fernando G. Branco


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1792227049>

## **CAPÍTULO 10..... 134**

INFLUÊNCIA DA ILUMINAÇÃO NATURAL NO AMBIENTE ESCOLAR NO RITMO CIRCADIANO DOS ALUNOS

Ana Luiza de Mello Ward

Erika Ciconelli de Figueiredo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270410>

## **CAPÍTULO 11..... 151**

ANÁLISE DE DIFERENTES CONFIGURAÇÕES DE POROSIDADE EM CFD

Isabela Tibúrcio

Melyna Nascimento


Leonardo Bittencourt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270411>

## **CAPÍTULO 12..... 166**

A CONCEPÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO POR PROFISSIONAIS E AS TECNOLOGIAS EMERGENTES

Hana de Albuquerque Gouveia


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270412>






## **CAPÍTULO 13..... 179**

CONTRIBUIÇÃO À INSPEÇÃO ESPECIALIZADA APLICADA AOS HELIPONTOS ELEVADOS DO TIPO PLATAFORMA DE DISTRIBUIÇÃO DE CARGA EM ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO: ESTUDO DE CASO

Alexandre Magno de Campos Dutra

João da Costa Pantoja

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270413>

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>200</b>
MOSAICO: VIDA E ARTE	
Sarah Jamille Pacheco Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270414">https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270414</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>211</b>
O CINEMA COMO DOCUMENTO: A ARQUITETURA COMO UM VEÍCULO DE ENTENDIMENTO DE UMA SOCIEDADE NA OBRA FÍLMICA DE FICÇÃO	
Alexandre Albuquerque	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270415">https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270415</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>223</b>
MUSEUS EM COMUNIDADES, TURISMO E CULTURA: PATRIMÔNIO, IDENTIDADE, MEMÓRIA E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO	
Sergio Moraes Rego Fagerlande	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270416">https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270416</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>241</b>
LOS CENTROS DE INTERPRETACIÓN DEL ARTE RUPESTRE, UN MEDIO DE PROTECCIÓN Y DIFUSIÓN PATRIMONIAL	
Jorge Alberto Porras Allende	
Heidy Gómez Barranco	
Herwing Zeth López Calvo	
Jorge Iván Porras Sánchez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270417">https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270417</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>253</b>
O ÚLTIMO TRAÇO DE NIEMEYER NA PAMPULHA: DA INVISIBILIDADE À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA O PAINEL DA CASA DO BAILE	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
Daniela Tameirão	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270418">https://doi.org/10.22533/at.ed.17922270418</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>276</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>277</b>

## DESIGN E CENÁRIOS PROSPECTIVOS APLICADOS AO URBANISMO TÁTICO: O FUTURO DA PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS

Data de aceite: 01/04/2022

**Lorena Gomes Torres de Oliveira**

**RESUMO:** Esta pesquisa investiga o futuro da participação das pessoas nas ações de urbanismo tático, utilizando as ferramentas de design e cenários prospectivos. Por isso, foi necessário entender o desafio atual das cidades de frente das questões sociais, econômicas, ambientais e urbanas. Nesse contexto, entende-se que a estratégia de longo prazo poderá influenciar no sucesso ou fracasso das diretrizes que irão determinar o futuro das cidades, sendo de extrema relevância a colaboração entre as distintas áreas dos saberes de forma a reduzir os riscos. Nesse direcionamento, acredita-se que o design, como ferramenta estratégica, é capaz de colaborar com o desenvolvimento de cenários prospectivos para as cidades. Para isso, o estudo propõe um processo metodológico de escuta através do desenvolvimento de um modelo de workshop que possibilite a criação de cenários prospectivos. Por fim, apresentam-se esses cenários criados para que possam corroborar com o futuro da participação das pessoas nas ações de urbanismo tático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cenários Prospectivos; Urbanismo Tático; Design Participativo; Design aplicado a Cenários.

**ABSTRACT:** This research investigates the future of the participation of people in urban tactical actions, using the design and prospective

scenarios tools. For this, it was necessary to understand the current challenge of the cities of forehead of social, economic, environmental and urban. In this context, it is understood that the long-term strategy can influence the success or failure in the guidelines that will determine the future of cities, being extremely important collaboration between different areas of knowledge in order to reduce the risks. In this direction, it is believed that design as a strategic tool is able to collaborate in the development of prospective scenarios for cities. For this, the paper proposes a methodology listening process by developing a workshop model that would enable the creation of future scenarios. Finally they present these scenarios created so that they can corroborate the future of the participation of people in urban tactical actions.

**KEYWORDS:** Prospective scenarios; Tactical Urbanism; Participatory Design; Design applied to Scenarios.

### 1 | CENÁRIO ATUAL: DO ATIVISMO CIDADÃO ÀS INTERVENÇÕES URBANAS

Para discutir este ponto e situar o Urbanismo Tático (*Tactical Urbanism*), doravante TU, no contexto mais amplo, segundo Mould (2014, p. 530) a palavra 'tática' é relacionada com ao trabalho de De Certeau (1984) e urbanismo está relacionado à obra de Lefebvre (2003). No caso de De Certeau (1984) em 'A invenção do cotidiano' articula como 'táticas' dentro do cotidiano tendo um poder inato para reagir, para resistir e para recuperar. Ele faz

uma distinção entre o que ele chama de “estratégias” e “táticas”. *Estratégias* seria conter, compartimentar e capturar. Elas assumem um lugar que pode ser circunscrita ou um lugar que pode ser delimitado como algo próprio (DE CERTEAU, 1984, p. 98). O autor oferece alguns exemplos de tais estratégias, incluindo um negócio, um exército, uma instituição científica e, crucialmente aqui, uma cidade. Em contraste com as *estratégias*, ele argumenta que as *táticas* são os casos de incursão.

Já Lefebvre (2003) no livro ‘A revolução urbana’ trabalha a ideia de “sociedade urbana”, afirmando que sociedade urbana é a sociedade que resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real (LEFEBVRE, 2003, p. 15). A esse respeito, o autor declara que a expressão ‘sociedade urbana’ responde a uma necessidade teórica. A indissociabilidade acima referida é colocada logo a seguir pelo autor: “Um movimento do pensamento em direção a um certo concreto e talvez para o concreto se esboça e se precisa. Esse movimento, caso se confirme, conduzirá a uma prática, a prática urbana, apreendida ou re-apreendida”. Enfim, qualquer movimento em direção à busca de alternativas que levem a mudanças socioespaciais efetivas significa a necessidade da aproximação entre teoria e práxis, o que está na essência do pensamento de Lefebvre sobre o urbano.

Uma das ideias que permeiam as raízes do TU é a chamada Teoria das Capacidades, criada pelo ganhador do prêmio Nobel em economia Amartya Sen. O economista indiano acredita que o desenvolvimento humano está relacionado à remoção de várias ameaças à liberdade de escolha dos indivíduos, que o impedem de exercer uma vida plena (SEN, 1999). O urbanismo tático é, portanto, uma forma de remover barreiras ligadas ao envolvimento do cidadão em questões urbanas e empoderá-lo, possibilitando que desigualdades de ordem ambiental, econômica e social sejam vencidas: o cidadão ganha o direito de agir sobre o espaço público.

Nesse mesmo viés, o DIY, o *Do It Yourself* (faça-você-mesmo) é um conceito que vai contraditoriamente ganhando força à medida que estão disponíveis mais serviços e produtos que nos solucionam os problemas de diversas naturezas. A prática da autoprodução pode ter razões de base financeira, funcional, social ou ter como intenção uma maior independência do mercado. Segundo Ellen Lupton (2006), o fato das pessoas gostarem da sensação de tornarem real uma ideia, de tornarem palpável e poderem compartilhar com outros, é a razão pela qual muitas pessoas se dedicam à produção das suas próprias soluções.

O Urbanismo Tático surge em confluência com esta cultura emergente do DIY, promovendo o cidadão a capacidade de repensar os atuais modelos de urbanismo e sua participação política. Facilitando a convivência social e o intercâmbio de experiências individuais e coletivas, desde o projeto, passando pela execução, até a sua utilização. De acordo com Rosa (2013, p. 222), dão vida às fronteiras e ativam espaços vazios; projetam seu ambiente espacial de um modo produtivo, possibilitando que as pessoas locais o habitem. Segundo Suzuki, citado por Rosa (2013, p. 124) deveríamos pensar a cidade como uma paisagem-suporte, constantemente atualizada por seus usuários. A mudança

paradigmática de métodos *top-down* (de cima para baixo) para práticas *bottom-up* (de baixo para cima) pode ser considerada a inovação mais importante em planejamento urbano, para a realização da 'cidade inclusiva'. Participação, auto-ajuda assistida e transferência de poder a atores locais têm sido amplamente reconhecidas como pré-requisitos para 'a boa governança urbana' e para a integração de grupos marginalizados com igual participação no espaço urbano. Assim, com o reconhecimento de processos informacionais, construções independentes, organizações comunitárias como forças propulsoras da ativação e renovação de território urbano negligenciado, as municipalidades começaram a constatar o potencial do microubanismo incorporando iniciativa de interessados locais em seus programas oficiais e estratégias de urbanização.

### 1.1 Empoderamento e inovação social

Sintetizando a partir de alguns autores (VASCONCELLOS, 2003; SILVA E MARTÍNEZ, 2004; OAKLEY E CLATON, 2003; WALLERSTEIN, 2006), define-se *empoderamento* como um processo dinâmico que envolve aspectos cognitivos, afetivos e de condutas. Significa aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos à relações de opressão, discriminação e dominação social. Dá-se num contexto de mudança social e desenvolvimento político, que promove equidade e qualidade de vida através do suporte mútuo, da cooperação, da autogestão e da participação em movimentos sociais autônomos. Envolve práticas não tradicionais de aprendizagem e de ensino que desenvolvam uma consciência crítica. É importante ressaltar, que o *empoderamento* não pode ser fornecido nem tampouco realizado para pessoas ou grupos, mas se realiza em processos em que esses se empoderam a si mesmos (FRIEDMANN, 1996; KLEBA, 2009; WALLERSTEIN, 2006).

Nesse mesmo viés, a inovação social envolve o sujeito nas transformações das relações sociais. Supõe uma atitude crítica e o desejo de mudar (ação deliberada, intencional e voluntária) assumido, frequentemente num primeiro tempo, apenas por uma minoria vanguardista (ALTER, 2000).

Assim, entende-se a inovação social como uma resposta nova e socialmente reconhecida que visa e gera mudança social, ligando simultaneamente três atributos: a) satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado; b) promoção da inclusão social; e c) capacitação de agentes ou atores sociais de atuar nos processos de exclusão/marginalização social, promovendo, por essa via, uma mudança das relações de poder (ANDRÉ E ABREU, 2006, p. 124).

O termo inovação social para Manzini (2008) refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades. Tais inovações são guiadas mais por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado, geralmente emergido através de processos

organizacionais “de baixo para cima” (*top-down*) em vez daqueles “de cima para baixo” (*bottom-down*) (MANZINI, 2008, p. 62).

## 21 CENÁRIOS PROSPECTIVOS: FATORES-CHAVE PARA ELABORAÇÃO DE CENÁRIOS

Em Godet (2006), Schwartz (2006) e Marcial e Grumbach (2008) encontra-se os seguintes componentes principais para um cenário completo que desempenham papel importante no sistema e influenciam o comportamento das forças motrizes, elementos predeterminados, as cenas (descrição da forma como os atores e forças motrizes se vinculam e se organizam em determinado instante) e a trajetória (dinâmica do enredo, da cena inicial à final).

### a) Elementos predeterminados

São os fatores com os quais podemos contar; são aqueles que não dependem de qualquer cadeia de eventos, ou seja, sua ocorrência parece certa, não importando o cenário. Sendo assim, os elementos predeterminados, como o próprio nome diz, são os mesmos em todas as variações dos cenários. Como exemplo, o Natal, o Dia das Mães, etc.

### b) Forças motrizes

Para se definir as forças motrizes de um cenário, o autor recomenda que observemos os seguintes campos do macroambiente: sociedade, tecnologia, economia, política e meio-ambiente. As forças motrizes devem ser avaliadas e selecionadas considerando-se seus aspectos significativos e influenciáveis para a construção dos cenários, atentando para o fato de que algumas forças podem ser consideradas irrelevantes, dependendo do objetivo dos cenários que se deseja prospectar. As forças motrizes podem ser classificadas como: tendências de peso, fatos portadores de futuro, incertezas críticas, tendências irreversíveis e *wild cards* ou coringas, que serão vista com mais clareza a seguir (Quadro 1) (SCHWARTZ, 2006).

Classificação das forças motrizes	
Tendência de peso	Eventos visíveis e com grande probabilidade de ocorrerem dentro do horizonte do cenário.
Fatos portadores do futuro	Pequenos sinais, ainda pouco identificáveis no ambiente, mas que trazem em si um grande potencial de consequências.
Incertezas críticas	Lugar onde habitam medos e esperanças, para encontrá-las recomenda-se questionar suas suposições sobre os elementos predeterminados.
Tendências irreversíveis	Sabe-se que irá acontecer, só não sabe-se como nem de que forma.
Coringas ou <i>wild cards</i>	Entendidos como rupturas, como aqueles acontecimentos de grande impacto, difíceis de serem antecipados e com pouca possibilidade de ocorrência.

Quadro 01: Classificação das forças motrizes.

Fonte: Autora (2019).



### 3 | WORKSHOP: PROSPECTANDO O FUTURO

O workshop foi também realizado na UFRN, no Departamento de Artes, com uma parte dos alunos que já haviam participado do pré-teste<sup>1</sup>. A escolha dos participantes deveu-se ao tempo destinado a realização da atividade ser curto e os alunos já estarem familiarizado com o método que seria empregado. Com isso, o workshop durou um dia e meio, realizado com 11 estudantes de design e a pesquisadora/facilitadora, num total de 12 pessoas. Para a realização do workshop, utilizaram-se materiais de baixo custo como folhas A3, bloco de notas, post-it's e canetas coloridas, como também equipamentos digitais como computadores e tablet.

- **1ª fase: identificação da questão central**

No primeiro momento, foi realizada uma breve palestra sobre o tema pela pesquisadora/facilitadora, a fim de fazer uma retrospectiva do material entregue anteriormente para eles a cerca do urbanismo tático. Posteriormente, foi aberto um momento para o debate, no qual foram acrescentados outros dados, conforme ponto de vista e experiência dos participantes.

- **2ª fase: análise do ambiente atual**

A partir disso, foi pedido para que o grupo fizessem uma análise mais aprofundada sobre o tema a ser trabalhado, através da coleta de dados/informações fornecidas e discutidas, e iniciassem um processo de seleção e codificação (resumo, paráfrases, palavras-chaves, etc.) visando sua posterior categorização. Em seguida, cada membro expôs as categorias criadas e os dados que seriam categorizados, para então chegar em um consenso.

---

<sup>1</sup> Foi realizado na UFRN, no curso bacharelado em design, em forma de Workshop realizados em três dias seriados, com a participação dos 28 alunos da disciplina de Projeto de Produto IV. Percebeu-se então o tempo destinado a pesquisa ao primeiro encontro do workshop não foi suficiente para o cumprimento das tarefas.

ESPAÇO PÚBLICO URBANO	DESIGN	EFEMERIDADE	AMABILIDADE/ INOVAÇÃO SOCIAL	EMPODERAMENTO	POLÍTICAS PÚBLICAS/ ECONÔMICAS	AMBIENTAL
Espaço social	DIY	Dinamismo das intervenções	Interação pessoa-pessoa	Autonomia	Gestão Compartilhada	Sustentabilidade
Espaço político	Tecnologias abertas	Reversibilidade	Agradabilidade	Autodeterminação	Investimento	Adaptação climática
Apropriação do Território	Métodos participativos	Imprevisibilidade	Humanização	Autoestima	Burocracia	Depredações ambientais
Fluxo/Mobilidade	Estética	Fluidez	Relações sociais	Autovalorização		Vandalismo
Identidade	Mobiliário	Flexibilidade	Memória Coletiva	Coletivo		
			Vitalidade Urbana			
			Pertencimento			
			Bottom-up			

Matriz 08: Matriz de Categorização dos dados coletados no cenário atual.

Fonte: Autora (2019).

Dessa forma, as forças motrizes foram organizadas em sete categorias, através da Matriz de Categorização (Matriz 08): Espaço Público Urbano (espaço social, espaço político, apropriação do território, fluxo/mobilidade, identidade), design (DIY, tecnologias abertas, métodos participativos, estética, agradabilidade, mobiliários), Efemeridade (dinamismo das intervenções, reversibilidade, imprevisibilidade, fluidez, flexibilidade), Amabilidade<sup>2</sup>/Inovação Social (interação pessoa-pessoa, humanização, relações sociais, redes colaborativas, memória coletiva, vitalidade urbana, pertencimento, bottom-up), Empoderamento (autonomia, autodeterminação, autoestima, autovalorização, coletivo), Políticas Públicas/Econômicas (gestão compartilhada, investimento, burocracia), Ambiental (sustentabilidade, adaptação climática, depredações ambientais, vandalismo).

<sup>2</sup> Amabilidade é um termo que evoca proximidade e abertura, quando empregada no sentido urbano, Fontes (2013) considera como atributo do espaço amável, que promove ou facilita o afeto ou a proximidade, opondo-se ao individualismo, por muitas vezes característico das formas de convívio coletivo contemporâneas.

AMBIENTE INTERNO	AMBIENTE INTERMEDIÁRIO	AMBIENTE EXTERNO
Organizações comunitárias	Governo	Cidadãos independentes
Coletivos urbanos	Instituições privadas	
Grupos de pesquisa acadêmica		
Profissionais Especialistas (Designer, Arquiteto, Urbanista)		

Matriz 09: Seleção de Atores.

Fonte: Autora (2019).

Além da Matriz de Categorização, foram levantados o atores mais significativos para dinamizar o enredo dos cenários (Matriz 09). Optou-se por selecionar e subdividir em ambiente interno, ambiente intermediário e ambiente externo. O primeiro seguimento seria para os atores que podem atuar diretamente no urbanismo tático, sendo as organizações comunitárias, coletivos urbanos, grupos de pesquisa acadêmicos e profissionais especialistas. Já o ambiente intermediário são os atores que podem financiar, apoiar as ações, no caso poderiam ser o governo e as instituições privadas. E por fim, o seguimento do ambiente externo foram elencados os cidadãos independentes que seriam os atores que usufruiriam das ações do urbanismo tático. A equipe notou que com essa subdivisão alguns atores poderiam estar em mais de uma subcategoria, no entanto, escolheu-se pela não repetição e sim por colocar na subcategoria em que o ator em questão tivesse maior influência no enredo dos cenários.

- **3ª fase: análise dos fatores-chave**

Na terceira parte do workshop, a equipe classificou os fatores-chave, identificando as forças motrizes (tendências de peso, fatos portadores de futuro, incertezas críticas, tendências irreversíveis e coringas ou *wild cards*) e os elementos pré-determinados, considerando os dados coletados e como poderiam influenciar a questão central.

Nas forças motrizes, com tendências de peso, o grupo julgou que a inclusão social, aumento da população urbana e conscientização sustentável fariam parte. Nos Elementos pré-determinados, o individualismo, o escasso de recursos naturais e a cultura do DIY foram inclusos na categoria. Quanto ao fato portador de futuro, as redes colaborativas, o uso de tecnologias renováveis, o desenvolvimento urbano sustentável, a inovação social e a gestão compartilhada foram julgados que faziam parte desta categoria. Os financiamentos públicos/ privados, o fim dos espaços livres, as crises políticas e econômicas, tecnologias abertas pertencentes as incertezas críticas. O fim do planejamento urbano voltado para atender a escala humana e as catástrofes naturais foram inclusos nas tendências irreversíveis. E por

fim, como coringas ou *wild cards* consideraram o empoderamento de todos os cidadãos, ditadura, recursos econômicos ilimitados para intervenções e revitalização dos espaços públicos do território nacional (ver Matriz 10).

TENDÊNCIAS DE PESO	ELEMENTO PRÉ-DETERMINADO	FATO PORTADOR DE FUTURO	INCERTEZA CRÍTICA	TENDÊNCIAS IRREVERSÍVEIS	CORINGAS OU WILD CARDS
Inclusão social	Individualismo	Redes colaborativas	Financiamentos públicos/privados	Planejamento Urbano sem priorizar a escala humana	Empoderamento de todos os cidadãos
Aumento da população urbana	Escasses de recursos naturais	Uso de tecnologias renováveis	O fim dos espaços livres	Catastrofes naturais	Ditadura
Conscientização sustentável	Cultura do DIY	Desenvolvimento urbano sustentável	Crisis políticas/econômicas		Recursos econômicos ilimitados
		Inovação social	Tecnologias abertas		Revitalização de espaços públicos do território nacional
		Gestão compartilhada			

Matriz 10: Classificação dos fatores-chave.

Fonte: Autora (2019).

- **4ª fase: análise e seleção de condicionantes do futuro**

Na fase seguinte, foi elaborado a Matriz de Análise Estrutural (Matriz 11) a partir da seleção de oito forças motrizes pertencentes à Matriz de Categorização explícitas anteriormente. Os escolhidos foram: apropriação do território, métodos participativos, dinamismo da intervenção, interação pessoa-pessoa, pertencimento, autonomia, gestão compartilhada e sustentabilidade. Na análise estrutural das forças motrizes, adota-se o sistema binário, com o valor 1 pontuando as variáveis com maior motricidade e o 0 para as variáveis com menor motricidade ou não exista. Aqui '0' entende-se como 'não' e '1' entende-se como 'sim', bem como 'M' é a força motriz e 'D' é dependente. Utilizando-se os valores 1 e 0, a matriz é preenchida e os valores somados, tanto horizontal como verticalmente. Dessa forma, chega-se a um resultado, onde se obtém um mapa das forças motrizes selecionadas. Ao se somar os valores das linhas e das colunas, obtém-se, através do resultado das linhas, a Motricidade de cada variável, e através das colunas, o valor de sua dependência. Quanto maiores esses valores, mais motrizes e mais dependentes, respectivamente, essas variáveis serão.

	APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO	MÉTODOS PARTICIPATIVOS	DINAMISMO	INTERAÇÃO PESSOA-PESSOA	PERTENCIMENTO	AUTONOMIA	GESTÃO COMPARTILHADA	SUSTENTABILIDADE	M
APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO	0	1	1	1	1	1	1	0	6
MÉTODOS PARTICIPATIVOS	0	0	1	0	0	0	1	0	2
DINAMISMO	0	0	0	0	1	1	0	0	2
INTERAÇÃO PESSOA-PESSOA	0	1	1	0	0	1	1	0	4
PERTENCIMENTO	0	1	0	1	0	1	1	0	4
AUTONOMIA	0	1	0	0	0	0	1	0	2
GESTÃO COMPARTILHADA	0	0	1	0	0	0	0	0	1
SUSTENTABILIDADE	1	1	1	1	1	1	1	0	7
D	1	5	5	3	3	5	6	0	

Matriz 11: Matriz de Análise Estrutural.

Fonte: Autora (2019).

A partir dessa Matriz de Análise Estrutural, dentro do contexto analisado segundo a opinião da equipe, a sustentabilidade seria a variável de maior motricidade, ou seja, com mais possibilidade de impulsionar as demais. Em contrapartida, a gestão compartilhada seria a variável mais dependente, sofrendo influências das demais forças motrizes.

O passo seguinte foi elaborar a Matriz de Influência Atores x Força Motriz, as oito forças motrizes selecionadas foram cruzadas com sete atores relativos na fase anterior.

	APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO	MÉTODOS PARTICIPATIVOS	DINAMISMO	INTERAÇÃO PESSOA-PESSOA	PERTENCIMENTO	AUTONOMIA	GESTÃO COMPARTILHADA	SUSTENTABILIDADE	I
ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS	0	1	1	0	1	1	1	1	6
COLETIVOS URBANOS	0	0	1	1	0	1	0	1	4
GRUPOS DE PESQUISA ACADÊMICA	0	1	0	0	0	0	1	1	3
PROFISSIONAIS ESPECIALISTAS	0	1	0	1	0	0	0	1	3
GOVERNO	0	0	0	0	1	0	1	1	3
INSTITUIÇÕES PRIVADA	0	0	0	0	0	0	1	0	1
CIDADÃOS INDEPENDENTES	1	1	1	1	1	1	1	1	8
D	1	4	3	3	3	3	5	6	

Matriz 12: Matriz de Influência Atores x Força Motriz.

Fonte: Autora (2019).

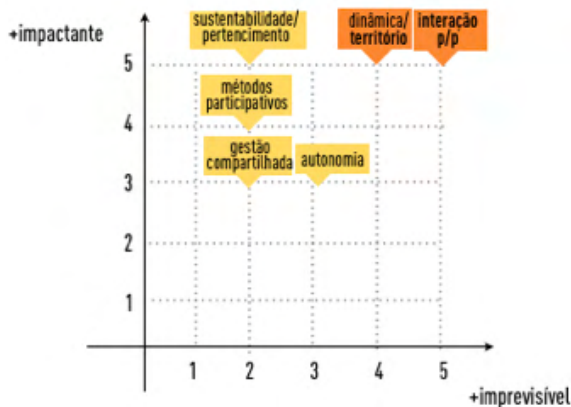
FORÇA MOTRIZ	IMPREVISIBILIDADE	IMPACTO
Apropriação do território	4	5
Métodos participativos	2	4
Dinamismo das intervenções	4	5
Interação pessoa-pessoa	5	5
Pertencimento	2	5
Autonomia	3	3
Gestão compartilhada	2	3
Sustentabilidade	2	5

Matriz 13: Matriz de Classificação de Forças Motrizes.

Fonte: Autora (2019).

Como resultado da aplicação da Matriz de Influência Atores x Força Motriz (Matriz 12), na opinião da equipe os cidadãos independentes seriam os atores com maior poder de influência sobre o contexto observado, seguido das organizações comunitárias. Além disso, encontrou que as forças motrizes que estão mais submetidas às decisões dos atores em questão foram a sustentabilidade e em seguida a gestão compartilhada. Com esse resultado foi possível compreender a dinâmica do cenário atual e para estruturar as relações que propiciam a construção de cenários futuros.

Tendo em mãos este resultado, foi possível classificar as duas forças motrizes mais impactantes/incerteza e imprevisíveis/impacto, seguiu-se a recomendação de Schwartz (2006), com a construção da Matriz de Classificação de Forças Motrizes (Matriz 13) a partir do ponto de vista do grupo. Para visualizá-las melhor a equipe traçou os eixos da Classificação das Forças Motrizes (Matriz 14) e percebeu que a interação pessoa-pessoa, a apropriação do território e o dinamismo das intervenções foram as forças motrizes com maior grau de avaliação. Por haver um empate entre as duas últimas forças, o grupo elegeu a apropriação do território como a força motriz mais impactante e a interação pessoa-pessoa como a força motriz mais imprevisível.



Matriz 14: Eixos da Matriz de Classificação de Forças Motrizes.

Fonte: Autora (2019).

- **5ª fase: construção e descrição de cenários alternativos**

Na última fase, com as forças motrizes selecionadas anteriormente, apropriação do território e a interação pessoa-pessoa, construiu-se os dois eixos da Matriz de Cenários (Matriz 15). Quanto aos cenários, por consenso da equipe, decidiu-se pela construção de três cenários, uma vez que uma alta interação pessoa-pessoa e baixa apropriação do território não seria tão interessante para o urbanismo tático quanto os outros três cenários. Esclarece-se aqui, portanto, que a criação de cada cenário resulta do ponto de vista dos participante do workshop sobre a evolução das interrelações dessas forças, sendo então, fruto de um consenso de opiniões dos envolvidos, não representando portanto uma visão formal do urbanismo tático sobre o contexto observado. Optou-se por denominar os cenários inspirados nas cantigas de roda, como Vamos todos cirandar e Se essa rua fosse minha, e nas músicas infantis, como Rua dos Bobos.



Matriz 15: Eixos da Matriz de Cenários.

Fonte: Autora (2019).

Três cenários foram construídos e apresentam três possíveis situações do urbanismo tático num futuro de 10 anos, considerando as forças motrizes e atores selecionados pelo grupo participante.

- **Cenário 1: Rua dos bobos**

Este é um cenário onde as pessoas se apropriam pouco ou nada do território e com individualismo predominando, tendo uma baixa interação social. O que, a princípio, não garantirá um espaço público conveniente para ocorrer ações de urbanismo tático, mas há a possibilidade de ocorrer algum despertar das pessoas após a ação. Se houver um dinamismo de intervenções, as interações pessoa-pessoa podem aumentar, já que a presença da intervenção causa amabilidade e conseqüentemente promove a interação social. No entanto, se não houver uma apropriação do território, o vandalismo, abandono e desinteresse da comunidade não tornará a ação de urbanismo tático com um bom desfecho.

Se algum dos atores tentar promover uma ação de urbanismo tática através de métodos participativos com a baixa interação social, terá pouca ou nenhuma aderência da comunidade em participar. Bem como a gestão compartilhada, que se for proposta, com a baixa interação social e baixa apropriação não haverá possibilidade de acontecer sem o empenho das pessoas.

Com a baixa apropriação do território não se dará o sentimento de pertencimento, o indivíduo não sentirá em seu lugar, continuará sem um elo entre ele e o território. Tal como a autonomia, que ao aumentá-la com pouca apropriação do território, o indivíduo canalizará essa autonomia para outro segmento da vida e não para o espaço público. Da mesma maneira, com aumento da sustentabilidade fará com que o indivíduo tenha consciência dos preceitos, mas nada indica isto será conduzido para o espaço público com uma baixa apropriação do território.

Dentro dessa perspectiva, as ações de urbanismo tático não acontecerão com sucesso, caso aconteça conduzido por algum dos atores será apenas fato isolado, sem uma continuidade.

- **Cenário 3: Vamos todos cirandar**

Neste cenário pode-se vislumbrar uma situação ideal, em que as pessoas se apropriam muito do território e com uma alta interação social. Com isso, há um aumento de pertencimento, uma vez que pertencer a uma cidade ou bairro não é apenas viver nela, mas sim participar ativamente de seu cotidiano, de seus costumes. Assim, pode-se assegurar um grande engajamento das pessoas na proposição de métodos participativos para a melhoria do espaço público e conseqüentemente uma maior autonomia. O indivíduo torna-se, portanto, autossuficiente, independente e protagonista de seus atos, fazendo-o agir tanto individualmente, quanto coletivamente.

Cenário este, é propício para vivenciar uma gestão compartilhada, uma perspectiva diferenciada em relação à tradicional. O compartilhamento da gestão entre o Estado, as



iniciativas privadas, a participação da comunidade, aproximar a academia, os coletivos e movimentos das realidades locais, com o intuito de reunir os saberes entre esses segmentos, criam uma gestão inovadora, por meio de concessões ou parcerias, atingindo uma nova política de relação. Nela também valoriza-se as memórias coletivas, protege, promove o patrimônio local, além de tudo ser discutido para chegar num consenso favorável para todos. Isto permite um dinamismo das intervenções urbanas possibilitando o uso e ocupação do solo de forma a permitir o imprevisível, o aberto e o inesperado. Promovendo assim, encontros de convivência, lazer e cidadania, a partir do uso do espaço público como ambiente de encontro e aprendizagem, fortalecendo portanto, os espaços de sociabilidade, redes de colaboração e ações coletivas.

Quanto à sustentabilidade, no que tange a convivência nos espaços públicos através da alta interação pessoa-pessoa e a alta apropriação do território, o estabelecimento de redes de convívio entre as pessoas e a busca do equilíbrio, tão comum na natureza, cobra de todos os seres vivos o uso de competências para se estabelecerem um ambiente mais saudável. Com o aumento da apropriação do território, o senso de pertencimento e a autonomia surgem iniciativas de ações para a conexão e integração com a paisagem florestal a fim de se estabelecer qualidade ambiental saúde para a sociedade.

Dentro deste cenário, os atores encontrarão um ambiente confortável para as ações de urbanismo tático acontecer de maneira dinâmica e autosuficiente.

- **Cenário 4: Se essa rua fosse minha**

Este é um cenário desafiante onde há uma alta apropriação do território e com individualismo predominante, tendo uma baixa interação pessoa-pessoa. O impacto da primeira força ser alta é positivo, no entanto, quando posto ao lado da outra baixa força motriz se torna um cenário com grande possibilidade de mudanças, no entanto sozinha dificilmente haveria ações de urbanismo tático com sucesso. Aumentando o dinamismo das intervenções, como já dito anteriormente no cenário 1, as interações pessoa-pessoa podem aumentar, já que a presença da intervenção causa amabilidade e conseqüentemente promove a interação social.

Além disso, havendo uma alta apropriação do território haverá também um alto senso de pertencimento. O desafio, portanto, será como os atores promoverão uma maior participação nas ações de urbanismo tático, com o alto grau de individualidade, devido a baixa interação social. Partindo disso, dificilmente a autonomia será alcançada, bem como a gestão compartilhada.

E sobre a sustentabilidade, cada ator pode fazer a sua parte, sem haver ações coletivas, podendo ser dado de modo desorganizado e catastrófico. A natureza, desse modo, pode sofrer significativas baixas, por causa da inobservância à necessidade de adoção de práticas efetivamente sustentáveis, principalmente no que tange os processos de ocupação do espaço coletivamente.

Este é um bom incitamento para os cidadãos independentes tentarem agir coletivamente. Conceber a cidade como lugar privilegiado para exercício da democracia. Garantindo a livre manifestação de ideias e expressões de contestação no espaço público. Combatendo, assim, a repressão e a criminalização dos movimentos sociais, e de contestação no espaço público, para então aprimorar a gestão pública e incentivar o uso de novos métodos participativos e tecnologias abertas para otimizar o atendimento das demandas da sociedade.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, de fato, entre os designers e pesquisadores da área, um crescente interesse para uma prática de projeto capaz de promover a melhoria das condições da sociedade e dos contextos de vida cotidianos e, sobretudo, de empoderar a população na satisfação das próprias necessidades, promovendo assim dinâmicas democráticas que contribuam à redistribuição de poder na sociedade.

Várias ferramentas têm sido desenvolvidas e divulgadas, por consultorias e centros de ensinos em design, para dar suporte a esta atuação social dos designers. Na maioria dos casos, estes modos de ação se baseiam em processos criativos de natureza participativa e colaborativa: a participação do usuário é um elemento fundamental de uma ação de design que visa alcançar melhorias sociais.

Nesse contexto, tais ferramentas podem ser colocadas em prática nas ações de urbanismo tático a fim de auxiliar e tornando mais dinâmico o processo participativo e promovendo ainda mais o seu envolvimento e ativismo. Tais intervenções temporárias funcionam como catalizadores de proximidade e intimidade, de conexões tanto com o próprio espaço quanto entre os indivíduos da *urbis*, qualidade espacial aqui denominada de amabilidade urbana. Por sua vez, estas intervenções temporárias estão ancoradas na condição de efêmeras, muitas vezes como expressão ou reflexos da patente aceleração da vida contemporânea e como o indivíduo nela se move.

A pesquisa desenvolvida não vislumbrou apenas entender o tempo presente do tema abordado, foi de interesse também a adequação do design as técnicas de prospecção de cenários futuros, para identificação de oportunidades de projeto e geração de conhecimento para inovação. Para isso, foi realizado um workshop na UFRN, no curso bacharelado de design, com os alunos. Entre os ganhos observados, além da efetiva construção dos cenários, pode-se citar a geração de conhecimento advinda das reflexões e análises sobre o ambiente observado e o exercício criativo de extrapolação do presente em direção aos futuros possíveis, flexibilizando o pensamento e abrindo o olhar para novas formas de ver a cidade.

A construção de cenários é uma ferramenta que permite a exploração do futuro e construção do presente. Porém, ainda mais importante é quando se pode antecipar

ou mesmo provocar esse futuro sem perder de vista o presente. Saber olhar o futuro considerando todas as possibilidades e se preparando estrategicamente para o que poderá acontecer.

É válido ressaltar que apesar das técnicas terem sido apresentadas e testadas positivamente nesta pesquisa, o resultado da construção de cenários dependerá da equipe que os constrói. Como bem observa Godet, ferramentas não substituem os pensamentos e não devem bloquear a liberdade de escolha. Liberdade de ousar, de transgredir o presente, de exercitar um olhar criativo e ultrapassar a barreira das convenções em direção às muitas possibilidades que o futuro reserva.

## REFERÊNCIAS

ALTER, N. **L'innovation ordinaire**. Presses Universitaires de France, Paris, 2000.

ANDRÉ, Isabel; ABREU, Alexandre. Dimensões e espaços da inovação social. **Finisterra**, XLI, 81, 2006, pp. 121-141. Disponível em: <[http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81\\_06.pdf](http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2006-81/81_06.pdf)>. Acesso em 2 ago. 2019.

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

FAHEY, Liam; RANDALL, Robert M. **Learning from the future**: competitive foresight scenarios. New York: John Wiley & Sons, Inc. 1998.

FONTES, Adriana Sansão. **Intervenções temporárias, marcas permanentes**: Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Faperj, 2013.

FRIEDMANN, J. **Empowerment**: uma política de desenvolvimento alternativo. Oeiras: Celta, 1996.

GODET, Michel. **Creating Futures**: scenario planning as a strategic management tool. Paris: Economica, 2006.

KLEBA M. E.; WENDHAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **The urban revolution**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

LUPTON, Ellen. **DIY**: Design It Yourself, Princeton Architectural Press, New York, EUA, 2006.

MANZINI, Enzo. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MARCIAL, Elaine Coutinho; GRUMBACH, Raul José dos Santos. **Cenários Prospectivos**: como construir um futuro melhor. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MOULD, Oli. Tactical Urbanism: The New Vernacular of the Creative City. Royal Holloway University of London, **Geography Compass** 8/8: 529–539, 10.1111/gec3.12146, 2014.

OAKLEY, P.; CLAYTON, A. **Monitoramento e avaliação do empoderamento (“empowerment”)**. São Paulo: Instituto Polis, 2003.

ROSA, Marcos L. **Handmade Urbanism: From Community initiatives to Participatory Models**. Berlim: Jovis, 2013.

SCHWARTZ, Peter. **A Arte da Visão de Longo Prazo: planejando o futuro em um mundo de incertezas**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

SEN, A. **Development as freedom**. Nova Iorque: Anchor Books, 1999.

SILVA, C.; MARTÍNEZ, M. L. Empoderamiento: proceso, nivel y contexto. **Psyke**, Santiago/Chile, v. 13, n. 1, p. 29-39, mai. 2004.

VASCONCELLOS, E. M. **O poder que brota da dor e da opressão: empowerment, sua história, teoria e estratégias**. São Paulo: Paulus, 2003.

WALLERSTEIN, N. What is the evidence on effectiveness of empowerment to improve health? **Copenhagen**: WHO Regional Office for Europe, 2006. (Health Evidence Network report). Disponível em: <<http://www.euro.who.int/Document/E88086.pdf>>. Acesso em: 16 de julho 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arquitetura 1, 41, 42, 44, 45, 46, 66, 67, 68, 99, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 149, 150, 151, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 211, 214, 237, 252, 253, 254, 257, 258, 261, 263, 264, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275

Arquitetura bioclimática 109, 112, 114, 115, 117, 120, 121, 130, 131, 133

Arquitetura escolar 108, 109, 110, 115, 117, 118

Arquitetura popular 120, 121, 131, 132, 133

Arte 20, 41, 44, 45, 46, 49, 54, 93, 94, 96, 97, 167, 200, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 226, 234, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 255, 257, 258, 263, 266, 269, 270, 272

Arte rupestre 240, 241, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 251

### C

Cartografia 15, 67, 68, 69

Centro de interpretación 242, 247

Cidade 16, 17, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 90, 92, 93, 95, 100, 112, 114, 115, 119, 136, 148, 151, 159, 200, 201, 203, 204, 206, 208, 209, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 233, 235, 237, 258, 269, 272

Cinema 200, 201, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221

Cinema documentário 200, 201

Conforto 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 149, 155, 168

Construção 42, 43, 46, 63, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 82, 88, 89, 92, 93, 98, 99, 110, 111, 112, 119, 120, 121, 122, 126, 129, 133, 141, 168, 169, 172, 177, 180, 182, 189, 190, 199, 204, 211, 212, 215, 217, 218, 219, 229, 233, 237, 238, 252, 254, 255, 256, 264, 265, 266, 267, 271, 274

### D

Design participativo 79

Desmilitarización 18

Documento 69, 78, 181, 205, 211, 212, 213, 221, 260

### E

Espaço público 52, 65, 66, 80, 84, 90, 91, 92, 263, 273

## F

Favela 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Forma urbana 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 13

## G

Gestão 51, 53, 66, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 181, 187, 189, 190, 198, 206, 257, 260, 261, 274

## H

Heliponto 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199

## I

Iconografia 67, 68, 69

Iluminação natural 134, 135, 136, 138, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Inspeção predial 179, 180, 181, 187, 196, 198, 199

## M

Museus 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 255, 260, 264, 269, 272

Museus comunitários 222, 223

## O

Oscar Niemeyer 252, 253, 254, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 271, 273, 274

## P

Paisagismo 95, 96, 97, 99, 170

Pampulha 252, 253, 254, 257, 258, 263, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Parques urbanos 51, 52, 66

Patrimônio 45, 48, 49, 64, 91, 95, 96, 97, 99, 105, 106, 107, 196, 200, 201, 209, 210, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 235, 237, 252, 254, 257, 258, 261, 262, 268, 272, 273

Patrimônio cultural 48, 49, 96, 200, 201, 209, 210, 257, 258, 268, 273

Planejamento 41, 42, 51, 53, 81, 85, 98, 108, 189, 196, 268, 275

Plataforma de distribuição de carga (PDC) 179

Porosidade 151, 154, 155, 156, 159, 160, 162, 163, 164, 165

Processo criativo 166, 170, 173

## R

Restauração 73, 252, 257, 263, 265, 268, 270, 271

Roberto Burle Marx 95, 96, 101, 105, 106, 107

## S

Seguridad 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 32, 33, 36, 244

Simulação computacional 116, 117, 118, 151, 154, 159, 165

Software 100, 101, 102, 107, 114, 115, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 152, 153, 154, 159, 163, 166, 168, 170

## T

Tecido urbano 42, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 78

Tempo 1, 46, 49, 52, 81, 83, 92, 98, 99, 101, 121, 125, 130, 137, 138, 139, 144, 151, 153, 154, 155, 158, 166, 167, 168, 169, 174, 180, 181, 185, 186, 193, 197, 200, 202, 203, 206, 208, 211, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 227, 230, 256, 258, 264, 273

Turismo 42, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 208, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 238, 241

## U

Urbanismo 1, 7, 17, 18, 28, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 66, 77, 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 118, 119, 149, 151, 165, 166, 177, 211, 214, 222, 237, 252, 253, 257, 258, 263, 268, 269, 272, 275

Urbanismo tático 79, 80, 83, 85, 89, 90, 91, 92

## V

Ventilação natural 114, 129, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 162, 164, 165

Vigilancia natural 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 39

# ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# ARQUITETURA & URBANISMO:

Divergências e convergências de perspectivas

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)